

LE NAVIRE NIGHT / 1979

um filme de Marguerite Duras

Realização e Argumento: Marguerite Duras / **Direcção de Fotografia:** Pierre Lhomme / **Música:** Carlos d'Alessio / **Som:** Michel Vionnet / **Maquilhagem:** Renaldo Abreu / **Montagem:** Dominique Auvray e Roselyne Petit / **Vozes:** Marguerite Duras e Benoit Jacquot / **Interpretação:** Bulle Ogier, Dominique Sanda e Mathieu Carriere.

Produção: MK2, Gaumont, Les Films du Losange / **Director de Produção:** Jacques Tronel / **Secretária de Produção:** Amira Chemakhi / **Cópia:** DCP, colorida, legendada eletronicamente em português, 93 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Como quase todas as experiências cinematográficas de Marguerite Duras, também **Le Navire Night** se aproxima de uma reflexão sobre os próprios materiais do cinema, em especial sobre as relações entre a imagem e o som - e este é, como seria de esperar, um filme que confere uma enorme importância aos poderes da palavra e à sua expressão oral.

De algum modo, tanto esta como outras obras de Duras passam pelo entendimento do cinema como um outro suporte possível para o texto, para além do papel. Em certa medida, portanto, o seu cinema seria um trabalho de "ilustração": há um texto, e é preciso encontrar imagens que lhe correspondam. Uma definição que pode parecer redutora, se não levarmos em linha de conta um pormenor fundamental: em Duras, as relações entre texto e imagem (ou entre som e imagem) são sempre "escorregadias", como se se tratasse de duas superfícies cuja aderência uma à outra fosse impossível, ou tivesse que ser forçada - e daí a sua enorme mobilidade, que leva a que uma mesma banda de som possa servir para dois filmes distintos (caso, evidentemente, do díptico **India Song/ Son Nom de Venise**). Disto, a mais produtiva conclusão é, portanto, a negação de uma relação directa e necessária entre um som e uma imagem: as possibilidades de correspondência são assim aos milhares, numa espécie de proclamação de uma liberdade infinita do cinema.

Vê-se isso bem em **Le Navire Night**, outra "ilustração" de um texto dito pelas vozes "off" de Marguerite Duras e Benoit Jacquot. Mas, depreender-se-á, uma ilustração com regras muito próprias e pouco ortodoxas. Porque as imagens captadas por Duras nunca vêm "preencher" o texto (no sentido mais convencional do termo "ilustração") mas, pelo contrário, ocupar os seus interstícios. Mesmo existindo uma submissão das imagens ao texto (é ele que comanda, e mesmo os actores são remetidos a um papel que é pouco mais do que um papel de "ouvinte"), a função delas não passa tão pouco pelo comentário; tudo o que vemos em **Le Navire Night** aparece como um acréscimo ao texto, um acréscimo de sentido mas também puramente sensorial - e aí, toda a liberdade está do lado do espectador. Porque se há uma impossibilidade de as imagens

e o som “colarem”, ela provém do facto de cada um desses elementos representar tempos diferentes: o texto, relato de uma acção, reenvia obrigatoriamente para um passado que já só existe na memória; por outro lado as imagens, na sua palpabilidade, não podem reportar-se senão ao presente, cabendo-lhes quando muito a procura de resquícios (“ruínas”) de um tempo inalcançável. Uma décalage irremediável que não deixa de fazer lembrar algum cinema de Resnais - não apenas o de **Hiroshima Mon Amour** (como se sabe, escrito por Duras) mas também o de **Marienbad** (sublinhado pelo lado labiríntico de **Navire Night**, patente até nalguns travellings da câmara de Pierre Lhomme).

Dir-se-ia, no entanto, que o fascínio exercido por **Le Navire Night** tem menos que ver com o “puzzle” formal da sua construção do que com alguns aspectos muito mais imediatamente dirigidos aos sentidos. Por exemplo o trabalho sobre a voz humana, no hipnótico relato dito por Duras e Jacquot, mas também aquela estranha mescla de evanescência e solidez “física” que se desprende dos rostos “brancos” de Bulle Ogier, Dominique Sanda e Mathieu Carriere; ou as vistas gerais de Paris, filmada como só Godard em **Alphaville**, com uma aura que tem tanto de “fantástico” como de simulação de ficção científica; ou ainda a construção em “trompe l’oeil” de alguns planos (é magnífica a fotografia de Pierre Lhomme), bem representado pelos fantásticos planos em que uma túnica vermelha se transforma num céu estrelado e vice-versa.

Luís Miguel Oliveira